

A FILOSOFIA DO DESENVOLVIMENTO E DA INTEGRAÇÃO SOCIAL E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Ignácio Urbainski *

Resumo

A Educação, assim como a atitude dos educadores, tem sido alvo de muitas críticas por parte de alunos, de pais e da população em geral. No Brasil, prevalece ainda uma forte carga de senso comum orientando a prática educativa escolar. Que concepção filosófico-antropológica seria ideal para orientar o agir pedagógico? Com tal indagação, não se quer afirmar que, apresentados os conceitos orientadores da ação didático-pedagógica, se tenha resolvido *a priori* os problemas da Educação. Sem essa clareza, porém, a ação docente já está prejudicada.

Abstract

The Education, as well as the educators' attitude, has been the aim of many criticism by the students' part, by the parents' part and by the population in general. In Brazil, still predominate a strong duty of common sense directing the scholastic educational practice. Which philosophical-anthropological conception would be ideal to orientate the pedagogical behave? With such a question, we don't want to affirm that, presented the guide concepts of the didactics-pedagogical, we have solved *a priori* the Educational problems. Without that clarness, however, the teaching action has already been damaged.

Introdução

O século XX vai passar para a História como o século do grande desenvolvimento tecnológico. Sem dúvida, foi ele que proporcionou à humanidade as grandes descobertas no campo das ciências, descobertas que levaram o ser humano a um desenvolvimento sem precedentes na história da humanidade. O homem, empolgado pelo que conseguiu fazer, esqueceu-se de que as mãos que fazem, dependem da cabeça que pensa e tomou "as mãos pela cabeça". Como consequência, o homem do século XX teve que passar pelos três maiores erros da história da humanidade: o nazismo, o fascismo e o comunismo; erros que tiveram sua origem no positivismo de Augusto Comte no século XIX.

As ciências, ao se desprenderem de sua mão comum, a filosofia, aos poucos foram se esquecendo que todas elas têm em comum a mesma capacidade humana que as deve orientar, no sentido da *recta ratio factilium*.

O correto uso das coisas que são feitas, deve ser estabelecido pela característica principal que o ser humano possui que é a racionalidade.

Querer desviar-se desse caminho é no mínimo traír a realidade que tem como consequência a crise.

Traição à realidade foi quando Stalim, sucessor de Lenin no comando do Partido Comunista Russo,

* Docente da UNIPAR. Mestre em Educação

congelou a teoria e desenvolveu apenas a prática, para poder justificar as arbitrariedades do Partido. Como consequência desse ato arbitrário, o povo russo está passando pela maior crise de toda a sua história.

É necessário que as futuras gerações, através de uma educação baseada na razão isenta de interesses políticos tendenciosos, tenham uma educação baseada numa concepção racional de ser humano, o que vai engendrar concepções filosóficas diversas, pois o ser humano é uma realidade complexa, que não pode ser definida apenas por uma concepção filosófica.

Segundo Dermeval Saviani, concepção filosófica é o conjunto de “determinadas orientações gerais, à luz das quais e no seio das quais se desenvolvem determinadas orientação específicas, subsumidas pelo termo “correntes”.

Portanto, para Saviani, concepção filosófica é um conjunto de orientações gerais que, no caso da educação, determinam a formação do conceito de ser humano; e corrente é um conjunto de orientações específicas que determinam o desenvolvimento de práticas educativas. Por sua vez, as práticas educativas são desenvolvidas através de métodos e procedimentos.

Não é nosso propósito, neste trabalho, desenvolver as correntes, os métodos e os procedimentos; vamos nos ater apenas ao desenvolvimento das concepções filosóficas em educação. Tanto o indivíduo como o grupo são influenciados pelo tempo e pelo espaço. Portanto, o fator geográfico influencia indivíduos e grupos tanto no seu modo de pensar como no seu modo de agir.

Ao longo da História, a humanidade foi orientada por diferentes concepções filosóficas de pessoa humana, vivendo em diferentes sociedades. A expressão “concepção filosófica”, no correr da História, foi tomada por várias conotações, podendo ser agrupadas em dois significados diferentes: como processo e como produto. Levando em consideração a finalidade deste trabalho, que é de orientar práticas educativas, vamos dar à expressão “concepção filosófica” o significado de produto, isto é, conjunto

de princípios que orientam diferentes práticas educativas através de correntes pedagógicas diversas.

A cada concepção filosófica corresponde um modelo de escola. Em geral costumamos distinguir quatro concepções filosóficas, segundo Dermeval Saviani: 1. Concepção humanista tradicional. 2. Concepção humanista renovada ou moderna. 3. Concepção Analítica. 4. Concepção dialética.

1. Concepção Humanista Tradicional.

Está baseada na teoria filosófica de Aristóteles. Segundo esse filósofo, três princípios determinam a existência aos seres no universo são eles: potência, ato e movimento.

Para Aristóteles, potência não é sinônimo de força, mas sim, de ausência de perfeição, pois para ele potência é a capacidade de um ser vir a passar à perfeição. Por sua vez, ato é atualização da potência; é a presença da perfeição, que se concretiza pela existência, é a concretização do ser. Movimento para Aristóteles é a passagem da potência ao ato. O movimento conduz a potência até o ato.

São esses três princípios que determinam, segundo Aristóteles, a existência dos seres, inclusive do ser humano. Para isso, Aristóteles coloca a existência de uma natureza humana universal como elemento indeterminado de que se constituem todos os seres, elementos que ele denomina de matéria.

A indeterminação, é que caracteriza a matéria como elemento constitutivo dos seres.

O princípio básico que orienta essa concepção filosófica humanista é que todo ser humano é a caracterização de uma natureza humana universal. Esse princípio deu origem a duas vertentes distintas no campo da Filosofia da Educação.

A primeira, denominada vertente, tem sua origem na Idade Média, precisamente na doutrina de São Tomás de Aquino. Segundo São Tomás de Aquino, existem duas ordens: a ordem de Deus e a ordem do mundo. A ordem do mundo faz parte da

ordem de Deus, não só através do ato da criação mas também através do estabelecimento de princípios naturais que regem a natureza e a sua evolução. O homem, por ser criatura racional, faz parte tanto da ordem do mundo como também da ordem de Deus, pois o homem é capaz de desvendar o mundo, mesmo não acreditando em Deus.

A segunda vertente, a vertente leiga, se baseia na idéia de uma natureza humana universal e deu suporte à ascensão e à hegemonia da burguesia; e por consquência, do capitalismo. É sob a égide desta vertente que surgiu a escola pública com as três características que lhe são próprias, isto é, a laicidade, a obrigatoriedade e a gratuidade.

Tanto na vertente religiosa como na vertente leiga, existe algo de comum que dá origem a todos os seres humanos. Na vertente religiosa, o ponto de partida foi o ato criativo de Deus, criando a natureza e estabelecendo os princípios da evolução de todas as espécies e condicionando o desenvolvimento do ser humano, ser racional, ao esforço e ao trabalho de cada indivíduo.

Já a vertente leiga parte de um princípio universal, a existência de um universo que abriga os seres que evoluem e o ser humano, racional, que se desenvolve. Tanto uma como outra partem da concepção filosófica de que cada ser humano é a concretização de uma natureza humana universal.

Se os seres humanos têm uma origem comum, são estabelecidos três princípios orientadores:

1 - Todos os seres humanos se originam de uma natureza humana universal.

2 - Se todos os seres humanos têm a mesma origem, implica que todos os seres humanos são iguais.

3 - Se todos os homens são iguais, quer dizer que todos devem ter um mesmo protótipo de realização a ser atingido pelo desenvolvimento.

A concepção humanista tradicional é a base da constituição da escola tradicional, que foi implantada com a revolução industrial para atender à necessidade da mão de obra especializada.

A corrente pedagógica, que estabelece os princípios que orientam a prática docente da escola

tradicional, denomina-se corrente pedagógica tradicional.

A concepção filosófica tradicional, também chamada de concepção essencialista, faz parte, como um dos princípios básicos, da filosofia ocidental. No entanto, vem recebendo críticas severas a começar do século XVIII.

Assim, o grande filósofo Alemão, Karl Marx, no século XIX, simplesmente rejeitou a concepção de uma natureza humana universal.

Os filósofos denominados existencialistas também se posicionaram contra a concepção essencialista. Entre eles, o francês Jean Paul Sartre, o principal filósofo existencialista, que faz severas críticas à teoria Aristotélica de Ato e Potência.

Críticas à parte, a concepção humanista tradicional foi a concepção que dominou grande parte da nossa História da Educação e hoje se encontra ao lado de outras que foram surgindo após ela, e nos dão uma visão mais ampla e real dessa instituição humana, denominada Educação.

2. Concepção Humanista Moderna

Também, nesta concepção, aparece uma concepção de ser humano. Não mais como concretização de uma natureza humana universal, mas como resultado de uma condição humana.

Para Sartre, condição humana “é o conjunto de limites *a priori* que esboçam a existência de cada ser humano, como ser no mundo”.

Para esse filósofo a expressão “conjunto de limites *a priori*”, abrange as circunstâncias que acompanham o nascimento de cada um, e que apenas estabelecem e não determinam as condições da existência de cada pessoa. A determinação da vida de cada indivíduo advém do conjunto de experiências por que cada ser humano passa. Experiências que são o resultado do conhecimento, da consciência e da liberdade.

Conhecimento como apreensão da realidade.

Consciência como conhecimento de si e do

mundo que nos rodeia; e liberdade como a capacidade de escolher entre várias alternativas dadas.

Para o existencialista, o ser humano é uma realidade imperfeita, aberta e inacabada.

Imperfeita, não no sentido de uma perfeição; absoluta, mas na condição de uma perfeição relativa, pois o ser humano é o único ser que não é pleno, não é o compacto, não acabado.

Aberta pois, se apresenta como um espaço aberto que tende a ser preenchido através da compreensão da realidade natural que o cerca.

Inacabada, como uma seqüência de patamares a serem atingidos e, a cada patamar conquistado, segue-se outro que deverá ser alcançado.

Essas limitações fazem parte da condição humana, pois não foram escolhidas e nem benquistas, apenas são fruto da ação necessária da natureza. É a partir daí que cada ser humano, através da experiência em contato com o mundo que o cerca, baseado no conhecimento, na consciência e na liberdade, constrói a si mesmo e determina a própria vida.

Entre os valores citados acima, sem dúvida, a liberdade é fundamental para a existência humana, pois é ela que impulsiona a conduta humana, conduz ao estabelecimento de finalidades e leva o homem à ultrapassagem de limites. Os princípios racionais, orientadores da concepção humanista moderna, podem ser assim estabelecidos.

1 - A condição humana estabelece, mas não determina a existência humana.

2 - A experiência adquirida pelo conhecimento, pela consciência e pela liberdade é que vai determinar a vida de cada ser humano.

3 - Somos diferentes, porque somos pessoas em condições e com experiências diversas.

A corrente pedagógica, que assume as orientações da concepção humanista moderna, é que orienta a escola nova ou escola renovada.

Entre as orientações da pedagogia moderna, não poderíamos deixar de citar o construtivismo. De acordo com essa corrente pedagógica, cada ser humano é o que conseguiu de si mesmo. Portanto, a

ação humana é um elemento fundamental, para que o homem possa desenvolver-se e tornar-se alguém na sociedade humana.

A ação humana se desenvolve através do uso da liberdade, pois é a liberdade que impulsiona a conduta humana, pela escolha de uma entre várias alternativas. É a liberdade que leva a pessoa à busca de objetivos para a própria ação humana. E finalmente, é a liberdade que produz a ultra-passagem de certos limites, para que os objetivos sejam atingidos.

A concepção humanista moderna tem tido uma grande aceitação entre os nossos educadores, pelo fato de colocar como centro da ação educativa a pessoa humana, fazendo do aluno centro de toda a educação através de uma ação consciente, responsável e livre. É o aluno que se educa, construindo o próprio caráter, e desenvolvendo-se pelo próprio esforço, orientado pelo educador. É o aluno que assume a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento e da sua própria integração social pela sua ação consciente e livre.

3. Concepção Analítica

A concepção analítica de filosofia da educação está baseada não numa visão filosófica de ser humano e nem num "sistema filosófico" geral. Tem como finalidade explicar a Educação como uma instituição social, fundamentada num conjunto de práticas necessárias para o desenvolvimento de cada ser humano, visando a sua integração ao convívio social. A análise da educação, como fenômeno social, se explica pela necessidade de adequar práticas necessárias ao processo educacional pela utilização de uma linguagem capaz de expressar um conjunto de práticas necessárias e adequadas ao desenvolvimento e à integração social, que são os objetivos da educação.

Tomando como modelo de processo analítico a formação da linguagem, vemos que ele se atém a três fatores: 1º uma necessidade: a necessidade de os

seres humanos se comunicarem; 2º o estabelecimento de certas práticas, gestos, sons; e 3º a elaboração de símbolos para a manifestação dos pensamentos (letras, palavras).

Assim também em educação, temos: **1)** reconhecimento da necessidade de uma instituição capaz de preparar as novas gerações para a convivência em uma determinada sociedade; **2)** o estabelecimento de determinadas práticas para que essa instituição possa agir para consecução dos seus objetivos, que são desenvolvimento pessoal e a integração social; e **3)** a determinação de uma linguagem própria para que as práticas educacionais possam ser desenvolvidas no seio da sociedade.

Dessa exposição, ressaltam algumas características da concepção analítica:

- O seu caráter informal, isto é, não formalizado, não “científico”.

- É justificada pela necessidade de o ser humano viver em sociedade.

- Os princípios são determinados, pela análise da convivência no uso de certas práticas.

A escola que se baseia na concepção analítica de Educação é conhecida como escola tecnicista e os princípios pedagógicos que orientam a prática educativa dessa concepção são denominados de 'técnicas'. Tanto as técnicas, como a própria concepção analítica se justificam pela análise do fenômeno educativo e pela Psicologia da Aprendizagem que estabelecem princípios e técnicas convencionais e adequadas para o atendimento dos objetivos da educação.

Formas mais adequadas vão surgindo, à medida que o ser humano for se desenvolvendo e aprofundando-se no conhecimento de si mesmo.

4. Concepção Dialética

Esta concepção está baseada no processo dialético, processo que explica os fatos como o resultado de um dinamismo estabelecido pelo relacionamento do todo com as partes e das partes entre si.

Em geral, como componentes desse processo, são reconhecidas três etapas:

1ª etapa: a tese, ou posição, consiste no reconhecimento de um fato como real e concreto. É a afirmação de um fato. **2ª etapa:** a antítese, ou contraposição, é estabelecida por um fato que se contrapõe ao anterior e estabelece a negação da tese; negação não no sentido de aniquilação, mas no sentido de superação que eleva o processo para um patamar superior. **3ª etapa:** a síntese ou composição é a negação, ou seja, a antítese é a superação da tese, e a síntese é a superação da antítese. É de se notar que a síntese nem sempre é um fato positivo. Muitas vezes, é o resultado da interferência de interesses particulares, nem sempre confessáveis e provoca a crise.

No processo dialético, uma etapa não exclui a outra, pois os elementos de uma etapa permanecem nas etapas seguintes. É o caso da estátua de madeira que, na primeira etapa, era apenas um pedaço de madeira. Na concepção dialética, o ser humano é visto como o resultado não de uma visão filosófica ou de um sistema filosófico, mas sim como o resultado de “múltiplas determinações, ou seja, das relações sociais”.

Esta concepção considera o ser humano como uma realidade dinâmica não no sentido de um realismo dinâmico pré-determinado, como na concepção humanista tradicional, onde o ser humano é o resultado de uma força misteriosa que atua sobre ele e o faz agir, e nem tão pouco nega a essência para depois fazer dele um ser dinâmico real e concreto. Neste caso, as relações humanas constituem leis objetivas que devem ser conhecidas pelo homem.

Relacionando as concepções filosóficas de educação com o movimento histórico, vamos verificar que a escola tradicional, como diz Saviani em meados do século XIX, com “redentora da humanidade”, assumindo os ideais do liberalismo. Tinha como função redimir a humanidade de sua dupla culpa histórica: a ignorância, miséria moral e opressão, miséria política.

Vítima das contradições da sociedade, a escola mostrou-se impotente perante uma responsabilidade tão grande. Já no século XX, precisamente a partir da Segunda Guerra Mundial,

foi tomando vulto a idéia de que o erro não estava na escola em si, mas sim, no modelo de escola vigente. Começaram a surgir formas de educação extra-escolares, como a educação permanente, e chegou-se mesmo a pensar na desescolarização ou destruição da escola.

Começaram a tomar vulto as idéias de Ivan Illich no sentido de formar comunidades educacionais com o aproveitamento do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, a formação de “teias educacionais” e o envolvimento de todos os setores da sociedade. Porém foram idéias que não saíram do papel.

Nesse interim, surgiu a idéia da “Escola Nova” protagonizando a reformulação do aparelho escolar e a colocação do aluno como o centro de todo processo pedagógico escolar. Através da auto-gestão pedagógica, impulsionada pelas idéias existencialistas, começou a se impor a concepção humanista moderna.

Já a concepção analítica é fruto do neo positivismo que, baseada no princípio da neutralidade científica, estabelece que toda ação humana é dirigida e orientada por técnicas.

Quanto à concepção dialética, devemos chamar a atenção para não incorrerem numa falência: ao analisarmos a seqüência histórica dessas concepções, somos levados a considerá-las estanques, isto é, uma vez estabelecida uma concepção, a anterior perde a sua validade.

Não é isso que se dá, pois, a cada nova concepção que aparece. As anteriores não desaparecem, pelo contrário, permanecem orientando a prática educativa. Neste particular o desenvolvimento educacional é realmente um processo dialético.

Ao examinarmos toda essa seqüência de arrazoados, talvez sejamos levados a considerar o processo educacional como um que deveria se desenvolver naturalmente no seio da sociedade e sejamos levados a perguntar: - Então por que a educação está em permanente crise?

A resposta está ligada ao tipo de sociedade

que possuímos. Temos uma sociedade capitalista, onde a luta de classes é a base das contradições sociais. Nesta sociedade, os interesses da classe dominante são camuflados pelo discurso ideológico, que tem como finalidade conservar a sua hegemonia que, depois, se transforma em dominação.

Os interesses camuflados traem a realidade e dessa traição nasce a crise.

Conclusão

Como conclusão, ousamos fazer mais uma pergunta: - Dessas quatro concepções filosóficas, qual é a certa, ou melhor, qual é a mais concreta? Para dar uma resposta, vamos partir de uma consideração já feita anteriormente: o ser humano é a realidade mais complexa que existe na natureza. Como tal, não pode ser determinado apenas por uma concepção filosófica, ou seja, o ser humano se apresenta como uma unidade na multiplicidade.

Bibliografia

01. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2. ed. Ver. e Ampl. São Paulo: Moderna, 1996.
02. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
03. LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
04. PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da Educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
05. SAVIANI, Dermeval. **Tendências e Correntes da Educação Brasileira**. In: *Filosofia da Educação Brasileira*. 4. ed. Civilização Brasileira, 1991.